

humanitas

Vol. LXVI
2014

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

paremiológica, a língua e o estilo, a função retórica dos *exempla*, os problemas da tradução, a transmissão da obra, suas edições e traduções (38- 62).

Neste particular, só um grande autor ousaria retomar o estudo de uma obra, traduzida e editada desde o Renascimento (a tradução castelhana de Juan de Molina foi editada em Valência, em 1527) ao século XXI (a edição de *De dictis et factis Alphonsi regis* sai a lume na Biblioteca Italiana, Roma, 2004), com assinalável frescura e originalidade, devidas não só ao avanço dos conhecimentos que a bibliografia testemunha, como ainda à notável capacidade de Santiago Lópes Moreda de realçar aspectos de uma grande riqueza e modernidade, com grande rigor e abertura de horizontes, como filólogo latino e eminente estudioso do Humanismo Renascentista.

Esta tradução comentada da obra de Panormita sobre Afonso de Aragão, o Magnânimo – com o estudo que a precede – é uma obra incontornável para o conhecimento do movimento humanista do *Quattrocento*, que está nas origens do movimento europeu e dos seus valores estruturais.

NAIR CASTRO SOARES

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_24

Carlotta Capuccino, APXH ΛΟΓΟΥ: Sui proemi platonici e il loro significato filosofico. Florença, Leo S. Olschki Editore, 2014.

Quando Kant propõe na sua *Crítica da Razão Pura* aquelas que chama as ‘Anfibolias da Razão Pura’, está-se a referir a um conjunto determinado de problemas para os quais o uso da razão em estado puro não pareceria oferecer resultados, visto ser possível aduzir argumentos para ambos os lados do argumento que o façam entrar em contradição. Longe de ser uma mera redução dos problemas a uma questão de revelação ou de misticismo, o que se passa é que foram esgotados os argumentos para uma parte e a outra sem que daí tenha resultado um triunfo inequívoco ou sequer potencial para alguma das duas. Encontramos certamente a possibilidade de traçar um paralelo semelhante quando analisamos um campo um tanto distante da pesquisa histórico-filosófica, aquela que nos estudos da Antiguidade é talvez o único enigma capaz de tentar sequer ombrear aquela grandiosa questão dita Homérica, ou seja, aquela a que poderíamos chamar a Questão Platónica. Em sentido lato, essa questão pauta-se pela colocação de duas perguntas relacionadas mas distintas:

α) como é que Platão, que manifesta tantas dúvidas quanto à legitimidade da poesia enquanto *mimesis* (nomeadamente nos livros III e X da *República*, no *Íon*), ousa escrever diálogos que partilham tantas características da *mimesis* tal como era posta em prática por tantas formas suas contemporâneas?

e β) como é que Platão, ou nós por ele, podemos ser capazes de conciliar os argumentos anti-escrita (paz a Derrida) pronunciados no *Fedro*, que a classificam como um *phármakon* contra a memória, com o facto de Platão ter produzido um vasto número de obras fazendo uso da escrita?

Estas duas perguntas tendem no normal discurso académico a transformar-se em não mais que numa perplexidade, em estereis demonstrações do dito de Aristóteles sobre o espanto. Fala-se do *Fedro* e do *phármakon*, da *República* e da *mimesis*, mas raramente se mobilizam os argumentos desses mesmos diálogos em confronto, e quase nunca se analisa a questão noutros passos da obra de Platão. Ora são precisamente temas como estes que estão em foco no presente livro em revista, *ΑΡΧΗ ΛΟΓΟΥ: Sui proemi platonici e il loro significato filosofico* da autoria de Carlotta Capuccino, livro resultado duma tese de Doutoramento na Universidade de Bolonha terminada em 2010. A tese pretende ir além da perplexidade simpática através da análise intensiva dum dos aspectos daquilo a que chamamos a forma dramática, a saber, de alguns dos proémios que antecedem quase todos os diálogos platónicos.

Em verdade, porém, é um livro mais ambicioso do que isso. A introdução faz uma espécie de mini-história da hermenêutica platónica a partir da posição e do valor que foi através dos séculos concedida à forma dramática em geral e aos proémios em particular para a compreensão dos diálogos (escolhendo como expoente máximo na Antiguidade Proclo e na Modernidade Leo Strauss). Essa atitude historiográfica lembra um comentário de Stanley Rosen, aluno de Leo Strauss, a propósito da interpretação dramática de Platão: à questão sobre se Leo Strauss teria estado a inventar algo de novo, visto que foi talvez o primeiro dos modernos a dar importância interpretativa às circunstâncias dramáticas, responde Rosen que quem está a inovar realmente são os modernos (Rosen tem em vista principalmente, mas não apenas, determinadas escolas analíticas do século XX), visto que a interpretação dramática seria um facto da tradição quase ininterrupto desde os comentadores da Antiguidade. Sem jamais abrir

mão da (actualmente incontestada) importância da forma dramática para a interpretação platónica, recenseando as várias formas como essa forma foi tida em conta, criticando-as e contrapondo-as, permite-nos estar mais conscientes do que realmente significa assumir a importância da forma dramática quase como um dado.

Nos primeiro e segundo capítulos propriamente ditos, a Capuccino analisa os passos da *República III* e *X*, assim como do *Fedro*, a propósito da legitimidade da imitação. É um trabalho intensivo de filologia, em que recruta autores antigos, desde Homero, crítica homérica e comentadores tardios (principalmente Diógenes Laércio, na análise da sua divisão dos diálogos de Platão segundo esquemas não temporais mas dramáticos). Usa esses paralelos e semelhanças lexicais para fazer incidir luz sobre os comentários de Sócrates na *República III* em torno da *diégesis*, narração, da qual é dito que pode ser *simples (haplê)*, *através de imitação*, ou *mista*. Através da classificação detalhada de todas estas categorias, associando essa classificação à legitimidade moral e filosófico-política que Sócrates parece conceder a cada uma delas, a autora busca uma forma de arrecadar métodos de interpretação de Platão através dum leitura do próprio Platão, via o princípio (que aliás dá o nome ao primeiro capítulo) de *Plátōna ek Plátōnos saphenízein*.

O terceiro capítulo, intitulado *Proémios duplos ou paradossais: os casos limite*, de longe o mais extenso do livro, é uma análise de dois diálogos, o *Teeteto* e o *Parménides*, com o *Teeteto* em notória preponderância, ocupando 90 páginas das 110 do capítulo (dum universo de 300 no livro inteiro). Quando adicionamos à equação o facto de o próemio do *Teeteto* não consistir em mais do que uma página e meia Stephanus entendemos o grau de importância que lhe é atribuído. O próemio relata a narrativa que permite a leitura dramática dum diálogo escrito que reproduz uma conversa tida anteriormente, diálogo escrito esse que foi corrigido graças à boa-vontade de um dos interlocutores, Sócrates. Esta importância é derivada dos paralelos extensos que são estabelecidos entre a legitimidade que é dramaticamente concedida ao texto do *biblíon* lido no *Teeteto*, em semelhança à legitimidade que possa ser globalmente concedida aos diálogos de Platão como um todo. Também os diálogos de Platão, como o *biblíon*, são diálogos escritos, também eles se apresentam como fiéis representantes de conversas passadas, e por fim, também eles vêem o cunho

da sua legitimidade a oscilar entre o problema da confiança da escrita, o problema da historicidade, e a possibilidade de um tipo de filosofia, que parece carecer do exercício da oralidade, precisar do testemunho escrito. Todas estas questões são analisadas de forma exaustiva, findas as quais a análise salta para o *Parménides*. O *Parménides* oferece questões semelhantes às do *Teeteto*, mas agora de ordem quase diametricamente oposta, visto que o problema é agora visto pelo outro lado, o da legitimidade concedida não pela memória, firmada a escrito e incessantemente corrigida com recurso a um dos presentes (como no caso do *Teeteto*), mas sim do registo assente apenas na memória de personagens presentes e dos seus confidentes, que não obstante isso pretende arrecadar para si um tipo de legitimidade que possa assegurar a confiança do leitor.

Findo esse capítulo, o quarto e último capítulo, *Proémios duplos ou paradossais: o caso standard* firma-se em exemplos menos problemáticos do que os anteriormente adumbrados. A questão deixa de ser o extremo da confiança para se remeter a situações narrativas menos fidedignas; passamos para o *Simpósion* e para o *Fédon*, com os problemas de cada um — a narrativa dupla de Apolodoro e de Aristodemo, assim como a soneca e os lapsos de memória deste último no *Simpósion*, a função histórica *versus* filosófica, o significado da presença de Platão etc no *Fédon* — a serem vistos à lupa. Cabe a meu ver a este capítulo uma falha eventualmente evitável, derivada de se espriair para além dos limites previamente fixados da análise, caindo numa análise mais detalhada dos argumentos filosóficos em geral apresentados (em particular no *Fédon*). Assim sendo, por virtude do espaço limitado que tem a disposição, acaba por deixar várias pontas soltas no argumento, sem que essas pontas dissessem respeito aos problemas dramáticos e proémicos etc.

Quanto ao livro como um objecto físico, é de sublinhar, dos vários esquemas apresentados em anexo, aquele categorizado como *Diérese do corpus platonicum*, com a totalidade dos diálogos (autênticos, inautênticos, perdidos inautênticos etc.) classificados exaustivamente quanto à sua forma dramática, um instrumento precioso para investigações futuras. A impressão, como cabe à *Leo S. Olschki*, é irrepreensível, deixando apenas a nota para uma futura revisão mais cuidada das passagens em grego que permita a eliminação das gralhas mais frequentes que o desejado e que destoam um pouco da elevada qualidade do trabalho académico.

É em suma um trabalho notável a todos os níveis, em particular no que diz respeito à análise dos diálogos propriamente ditos (em especial o estudo do *Teeteto* no terceiro capítulo). As anteriores secções brilham também por trazerem à arena de discussão passagens e autores raramente convocados. Finalmente, é de louvar o contributo para a mencionada Questão Platónica, e o esforço para, penetrando-lhe no ádito, a trazer para além da mera perplexidade e, voltando aos diálogos e aos seus enigmas, mesmo que continuem a aparecer-nos como anfíbias, que não seja mais por falta de reflexão após sucumbirmos ao «*charm of humble awe*» contra o qual nos avisava Leo Strauss. Agradeço a oportunidade de o ter lido e de lhe escrever a recensão.

MIGUEL MONTEIRO

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_25

Galeno, *Sobre la utilidad de las partes del cuerpo humano, vol. I*. Estudio introductorio, bibliografía, traducción, notas e índices de Manuel Cerezo Magán, Madrid, Ediciones Clásicas, 2009, ISBN: 84-7882-689-0; Galeno, *Sobre la utilidad de las partes del cuerpo humano, vol. II*, Estudio introductorio, bibliografía, traducción, notas e índices de Manuel Cerezo Magán, Madrid, Ediciones Clásicas, 2009, ISBN: 84-7882-689-0; Galeno, *Sobre la diferencia de los pulsos*. Estudio introductorio, traducción, notas e índices de Luis Miguel Pino Campos, Madrid, Ediciones Clásicas, 2010, ISBN: 84-7882-680-7; Galeno, *Sobre los tipos. Sobre los días críticos*. Traducción, introducción y notas de M^a Carmen García Sola, Madrid, Ediciones Clásicas, 2010, ISBN: 978-84-7882-678-0; Galeno, *Comentario al Pronóstico de Hipócrates*. Traducción, introducción y notas de Santiago Rubio Ferraz, Madrid, Ediciones Clásicas, 2010, ISBN: 84-7882-679-3.

A editora madrilena Ediciones Clásicas lançou, durante os anos de 2009-2010, quatro novos títulos que constituem, no mínimo, um marco assinalável na divulgação e estudo dos textos de medicina grega antiga, na medida em que traduzem quatro das mais significativas e influentes obras de Galeno, trabalhos dos quais nos cumpre aqui proceder à apresentação e recensão. Importa começar por referir que estas publicações se enquadram no grande projeto editorial coordenado pelo Professor Juan Antonio López Férez (UNED), que busca publicar a tradução completa da obra de Galeno,